

PARA QUE SERVEM OS FILÓSOFOS

Robert Spaemann¹

O pai do nosso grêmio filosófico, Sócrates, foi convidado a escolher o castigo que lhe parecesse mais adequado para sancionar o seu atentado contra a political correctness de Atenas. Respondeu com uma provocação ao tribunal: solicitou que, como benfeitor da pátria, lhe fosse concedido comer de graça todos os dias no palácio do governo... Foi sobretudo essa desfaçatez que fez com que fosse condenado à morte. Como bons democratas, os atenienses eram sensíveis a tudo o que considerassem arrogância.

Os tempos mudaram, como podemos ver nesta celebração no palácio do Governo de Navarra. Segundo ouvi dizer, o presidente Miguel Sanz vai oferecer-nos – mas apenas hoje, não diariamente – algo para comer e beber. Mas antes entregou-me esta preciosa medalha, outorgada pelos meus colegas da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Navarra, depois de me terem admitido como seu colega concedendo-me, anos atrás, o doutorado honoris causa.

E tudo isso no próprio palácio do Governo! Que mudou, a esse respeito, em comparação com os tempos de Sócrates? Um filósofo deve fazer aqui um exame de consciência. Por acaso tornou-se politicamente correto, ao invés de ser um delinqüente? Será possível que a sociedade chegue a interessar-se pela Filosofia? Mas se se trata precisamente do interesse em levantar em público aquelas questões cujo ocultamento assegura a estabilidade da nossa vida cotidiana! Afinal, não falamos das assim chamadas “perguntas últimas”?

São justamente a reflexão e o discurso continuado sobre essas “perguntas últimas” o que define a Filosofia. Em si mesma, a Filosofia não conhece tabus, embora ponha em dúvida o sentido dos tabus vigentes na vida pública. “Quem diz que não é necessário honrar os deuses nem amar os pais não merece argumentos, mas uma reprimenda”, escreve Aristóteles. A Filosofia pode dizer por que isso é assim, e di-lo com argumentos. Mas isso só é possível quando também se pode argumentar contra essas afirmações, como ocorre nos seminários filosóficos. Ali deve ser legítimo defender a imoralidade, a lei do mais forte, a eutanásia ou o racismo. Mas esse é também o âmbito onde se compreende a fundo por que não se pode defender qualquer coisa na sociedade, que não é o âmbito da busca da verdade, mas da práxis. A filosofia é essencialmente anarquista, e só pode ser cultivada num âmbito de anarquia teórica, embora esteja muito longe de trabalhar em prol da anarquia prática.

¹ Robert Spaemann es professor emérito da Universidade de Munique O texto recolhe as palavras de agradecimento pronunciadas pelo pensador alemão ao receber o Prêmio Roncesvalles de Filosofia, que lhe foi concedido pela Universidade de Navarra. A cerimônia de entrega do Prêmio realizou-se no Palácio do Governo de Navarra, em Pamplona (Espanha), no dia 3 de maio de 2001.

Estado, Sociedade e Filosofia

Que interesse podem ter o Estado e a sociedade na Filosofia? Que interesse pode ter converter os fundamentos da ordem social em objetos de reflexão crítica? De fato, o Estado moderno não faz derivar a sua legitimidade da verdade de determinadas convicções, mas da correção de procedimentos dos seus mecanismos de decisão. *Non veritas sed auctoritas facit legem*, diz Thomas Hobbes. Mas convém deixar claro que a legalidade dos procedimentos somente proporciona legitimidade quando esses procedimentos produzem decisões compatíveis com as intuições humanas elementares a respeito da justiça. Só se pode prescindir das questões relativas à verdade e à justiça na medida em que a paz interna seja considerada o supremo valor absoluto.

Mas sempre há circunstâncias nas quais os homens consideram que não vale a pena conservar essa paz. Circunstâncias nas quais se pode afirmar, com Bertold Brecht: "Decidimos temer mais a nossa má vida do que a morte". Não é possível desterrar do discurso público a pergunta sobre a vida boa. Mas essa é a pergunta própria da Filosofia. E uma sociedade só é livre na medida em que possibilita esse discurso.

A Filosofia não depende do reconhecimento social. A reflexão livre sobre as "perguntas últimas", em diálogo com todos os que nelas pensaram em todas as épocas, sempre tem lugar, inclusive quando os que a praticam se vêem obrigados a ganhar o seu sustento a duras penas, como bibliotecários, limpadores de janelas ou presidiários. Mas a experiência mostra que os sistemas que tentam isolar os filósofos dessa forma são muito mais instáveis do que as sociedades livres, que pagam os professores de Filosofia sem lhes prescrever o que devem ensinar.

Como tornar inofensivas as opiniões

Isso pode ser entendido como uma refinada estratégia de imunização. Os filósofos e outros intelectuais podem falar tudo o que quiserem: é a maneira mais segura de tornar as suas opiniões inofensivas... De fato, os escritores comprovaram com frequência que a influência dos intelectuais dissidentes é muito maior em Estados com liberdade de expressão limitada do que nas sociedades livres. Daí que o valor daquilo que o filósofo sabe, ou pensa que sabe, seja apenas o de uma opinião entre outras. Os filósofos não podem pretender que a distinção entre doxa e episteme, ou entre opinar e saber, ou entre um filósofo e um sofista, obtenha um reconhecimento social geral.

Quem torna inteligível essa diferença é a Filosofia. Para o Estado não existe diferença entre filósofos e sofistas, como aliás já ocorria na Atenas dos tempos de Sócrates. Não obstante, esse Estado tem um certo interesse na existência e na atividade desses homens: é o interesse em não deixar que os processos sociais se desenvolvam de maneira puramente espontânea e violenta, mas sob a forma de um debate baseado em argumentos.

É esse mesmo interesse que fundamenta a obrigação de comparecer em juízo com um advogado. O fato de que uma das partes disponha do melhor advogado não significa que a justiça esteja do seu lado. É igualmente improvável que nenhuma das partes tenha razão. Pode perfeitamente ocorrer que uma das partes tenha toda a razão e ao mesmo tempo tenha o pior advogado. Em qualquer caso, a obrigação de contar com um advogado defensor está bem fundamentada. Não é desejável que as partes se ataquem com violência, nem que expressem mediante gritos a urgência dos seus interesses. Em vez disso, devem argumentar. E é o juiz quem no final pondera, não os interesses, mas os fundamentos e argumentos a favor dos interesses. Os Filósofos, sofistas e intelectuais em geral são os advogados de defesa do conjunto da sociedade.

Já que às vezes somos úteis...

Os filósofos são também outra coisa, mas isso só eles próprios e os outros filósofos entendem. Não há nenhum motivo para remunerá-los por isso ou distingui-los com prêmios. Mas por serem às vezes úteis como cidadãos graças à nossa competência argumentativa, de modo ocasional se nos dá de comer publicamente no Pritaneu.

Agradeço por isso sinceramente e de coração. Neste caso, meu coração bateu mais forte quando ouvi o nome do prêmio que recebo: Roncesvalles. Não teria sido possível imaginar algo mais romântico. Nem algo que fosse mais importante para uma democracia. As democracias só podem ser boas e duradouras quando as almas dos seus cidadãos não são democráticas. Por sorte, os democratas dos países livres empregam no tratamento o termo "senhor" e não outros, como "cidadão" ou "camarada".

No âmbito político, hoje não saberíamos o que fazer com uma figura como Carlos Magno. Por isso mesmo é da maior importância que ele encontre um trono no coração de cada europeu. Em política é mais importante a capacidade para o discurso do que a habilidade no manejo das armas. Mas somente aqueles que conservam viva a lembrança da espada de Rolando merecem ser escutados.

Em política não importa apenas ter razão, mas que essa razão seja reconhecida publicamente. Mas só merecem esse reconhecimento aqueles que, seguindo a inspiração socrática, pensam que é melhor sofrer a injustiça do que cometê-la. Sócrates e Rolando merecem ser lembrados mais pela sua morte do que pela sua vida.

Se a Filosofia deixa de ser a doutrina da boa morte, também deixa de ser a da vida boa. Então desaparece: deixa de existir, não restando ninguém mais além dos sofistas.

Fonte: Revista Nuestro Tiempo - Universidade de Navarra

Link: www.arvo.net

Tradução: www.quadrante.com.br